

O incêndio da Vila Socó: 39 anos de um caso concreto de racismo ambiental



Situação na Vila Socó após o incêndio em 1984 Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre

O termo racismo ambiental ainda não é do domínio e aceitação geral, porém expressa uma das formas do racismo estruturado que assola a sociedade brasileira, pois demonstra que é a população não branca que mais sofre os efeitos das agressões e danos ao meio ambiente e, também, com a falta de políticas governamentais para solucionar tal situação, visto que há uma prioridade de atendimento às demandas dos segmentos sociais mais privilegiados, compostos, majoritariamente, por pessoas brancas.

Apesar de seu uso recente em artigos e estudos, o racismo ambiental pode ser detectado em diversos fatos ocorridos no Brasil ao longo do tempo, nos quais a população negra e os povos indígenas foram e as principais vítimas da problemática ambiental decorrente de ações humanas voltadas para manutenção do "status quo" do capitalismo e consequente ampliação das desigualdades sociais e aceleração da exclusão socioambiental da população não branca, deixada em segundo plano nas agendas de governantes.

Entre as tragédias já ocorridas no Brasil, que pode ser incluída entre os grandes casos de racismo ambiental, destaca-se o incêndio de enorme proporção na Vila Socó, situada no município de Cubatão, no estado de São Paulo, fato ocorrido na noite do dia 24 para 25 de fevereiro de 1984, ou seja, há exatamente 39 anos atrás, tendo uma grande repercussão na mídia naquela época, devido ao número elevado de pessoas que morreram no local, destacando-se que grande maioria da população ali residente era negra.

Conforme publicação da WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, verifica-se as seguintes informações sobre a Vila Socó: *"A Vila Socó, que ficava à margem da Via Anchieta sobre uma faixa de mangue de aproximadamente 2 000 m x 80 m, tinha pouco mais de 6 mil habitantes distribuídos em cerca de seiscentos barracos, segundo dados de autoridades na época. Por outro lado, sobreviventes estimaram em até 12 mil o número de moradores e entre 1 200 e 2 500 a quantidade de barracos que compunham a favela. Boa parte da favela era sustentada por palafitas fincadas por quase todo o mangue. Os barracos eram ladeados por pontes (ou passarelas) de madeira, construídas para a circulação dos moradores".*

Numa região alagadiça e circunvizinha da Vila Socó, havia a instalação de tubulações de gasolina provenientes da Refinaria Presidente Bernardes (localizada em Cubatão) para os terminais da Petrobras, ocorrendo, na noite do dia 24 de fevereiro de 1984, o rompimento de uma das tubulações, com o carreamento de 700 mil litros do combustível para a área da comunidade devido a movimentação da maré, proporcionando o incêndio dos imóveis, não havendo registro da origem da faísca de fogo, tendo uma estimativa extraoficial que ocorreu a morte de mais de 500 pessoas carbonizadas, entre adultos e crianças, que não tiveram condições de sair da área incendiada, com alguns corpos não sendo encontrados ou identificados.

O rompimento da tubulação decorreu da junção de erros operacionais e falta de manutenção dos equipamentos, demonstrando um descaso com a vida das pessoas que residam na comunidade, que foi praticamente destruída, lembrando que, como o país ainda se encontrava numa ditadura militar, ocorreu ações voltadas para impedir investigações e garantir a impunidade dos responsáveis pela

tragédia, além do reconhecimento oficial da morte de 93 pessoas, número bem inferior ao indicado acima, devendo ser salientado que só ocorreu o pagamento de indenizações irrisórias para uma pequena parcela das vítimas do incêndio e ninguém foi julgado culpado pelo acontecimento até os dias atuais.

Após o incêndio, a área incendiada foi urbanizada, passando a ser conhecida como Vila São José, bem como o aterramento e sinalização das tubulações de gasolina (algo que poderia ter sido realizado antes da tragédia), salientando que no V Congresso Nacional dos Favelados, promovido pelo Movimento de Defesa dos Favelados (MDF) na cidade do Recife em julho de 1985, ficou definido que, anualmente, ocorreria a celebração do "Dia Nacional de Luta por Moradia" no dia 25 de fevereiro, em memória da população da Vila Socó e como forma de luta para que tragédias semelhantes não voltassem acontecer no Brasil, sendo tal "Dia" celebrado até meados dos anos noventa, quando o MDF deixou de atuar a nível nacional.

A tragédia da Vila Socó representa um dos casos mais emblemáticos de racismo ambiental vivenciados no Brasil, apesar de que naquela época, tal termo ainda não era utilizado, assim como havia resistência em diversos setores da sociedade em aceitar que as mazelas do racismo se fazia presente no dia a dia do país, pois queriam passar a ideia que vivíamos numa "democracia racial", algo imaginável e inexistente por tudo que se passou na história brasileira, onde a população negra (assim como os povos indígenas) sempre sofreu os efeitos negativos de uma política voltada para atendimento dos ensejos de uma elite branca.